

EPITÉLIO: O CORPO E A PELE URBANA

Marcelo D. Vieira¹

RESUMO: No presente artigo trago algumas especulações, por meio de um recorte ensaístico, o diálogo entre Corpos, Espaços e a Tatuagem como veículos de experiências comunicativas de corpos marginalizados no cotidiano urbano. As visões antropológicas de Le Breton e Gilbert acerca da tatuagem e a modificação corporal, conduz esta discussão a fim de uma validação científica à tatuagem. No intento de contribuir a fomentação deste debate, por meio de experimentações imagéticas, são apresentadas neste artigo algumas intervenções artísticas realizadas durante a pesquisa, utilizando suportes e veículos diversos, como o lambe-lambe e a própria tatuagem, exemplifico alguns termos propostos, já que aqui o corpo é idealizado como uma interface de arquivos da linguagem urbana. Tal discussão corrobora uma nova visão, objetivada pela possibilidade de um alargamento das produções sobre o corpo e seus discursos em territórios urbanos, pluralizando estratégias diante da possibilidade de renovações de sistemas de uma formação silenciadora do corpo e da diferença.

PALAVRAS-CHAVE: Corpos; Espaços; Interface; Tatuagem.

EPITHELIUM: THE BODY AND URBAN SKIN

ABSTRACT: In the present article I bring some speculations, through an essayist cut, the dialogue between bodies, spaces and tattoo as vehicles for communicative experiences of marginalized bodies in urban daily life. Le Breton and Gilbert's anthropological views regarding tattoos and body modification lead this discussion to scientifically validate tattooing. An attempt to contribute the fostering of this debate, through imagery experiments, this article presents some artistic interventions carried out during the research, using different support and vehicles, such as the wheat-paste and the tattoo itself, I exemplify some proposed terms, since here the body is idealized as an interface of urban language files. Such discussion corroborates a new view, objectified by the possibility of an expansion of productions about the body and its discourses in urban territories, pluralizing strategies against the possibility of renovating systems of a silencing formation of body and difference.

KEYWORDS: Bodies; Spaces; Interface; Tattoo.

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculado à linha de pesquisa: Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LICORES). Pesquisa as relações entre arte, linguagem e modificação corporal. E-mail:mardyovi1@gmail.com

INTRODUÇÃO

A partir de pesquisas no projeto *A tatuagem valorizando a cultura indígena brasileira por meio do design autoral*, esta escrita é resultante de uma deriva do trabalho de conclusão de curso em Design, onde me baseei nas perspectivas antropológicas de David Le Breton (2007) e Steve Gilbert (2000). Através de uma exploração bibliográfica buscando a identificação dos corpos como interface e arquivo das linguagens urbanas, apresentando algumas provocações acerca da validação acadêmica, apostando nas aproximações culturais.

Inicialmente, trazendo algumas questões relacionadas ao espaço e linguagem em contato com as práticas da modificação corporal e arte urbana, o artigo segue em uma conversação entre estes conceitos em um recorte ensaístico, apresentando em seu processo experimentações imagéticas e intervenções urbanas criadas durante o projeto (2018), ao findar com expectativas futuras ao levar esta pesquisa a uma nova fase.

Com um caráter interdisciplinar, esta proposta se associa ao PPGE da Universidade Federal do Paraná pelo viés da linha Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LICORES), ao corroborar uma nova visão, objetivada pelo possível alargamento das produções sobre o corpo e seus discursos em espaços urbanos, explorando novas estratégias diante da possibilidade desta renovação de sistemas de uma formação silenciadora do corpo e da diferença. Deste modo, apresentarei os objetos que adentram a esta discussão.

CORPO INTERFACE

No cenário da fácil mutação e trânsito de culturas, o corpo e o espaço necessitam atenção fragmentando-os ao analisarmos qualquer contexto social em uma pesquisa.

Cristian Poletti Mossi (2015) conceitua o corpo ao considerar antes de ser a gênese, responsável pelos processos, como um “imã descentralizado” que atrai ou repele aquilo com que o interage. O desmembramento corpóreo é uma necessidade científica ao despir este invólucro de movimentos, sensações e experiências, que se faz necessário pela rigidez do corpo em sua dimensão densa de matéria, resultante de uma formação íntima neste processo descentralizado.

Quando dispomos o corpo na pesquisa junto ao espaço e cultura a qual o ele está inserido, comumente buscamos na academia características semelhantes dos elementos deste território ao considerar o corpo coletivo como o objeto, normatizando atos, comunicações e espaços em decorrência da análise das repetições ali produzidas.

Le Breton (2007), neste sentido, caracteriza o corpo como:

O eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (LE BRETON, 2007, p. 7).

Neste compartilhamento cíclico, não podemos isolar o corpo, normatizá-lo não é a problemática em questão. Já que ele carrega informações sociais essenciais acopladas nele que fazem parte de uma identidade coletiva, porém, quando ele passa a ser um objeto inquieto ao buscar o oposto de uma classificação generalizada, nos resulta em um distanciamento ainda maior à ciência pela sua construção da diferença e subjetividade.

Por meio da ciência, busca-se responder questionamentos acerca do corpo. Neires Maria Soldatelli Piavaní retrata que neste percurso investigativo nos é mostrado que os estudos não têm sua finalidade alcançada, mesmo parecendo ser uma questão próxima, a autora o cita como “algo complexo, misterioso, justamente porque, ao mesmo tempo que é comum a todos, é singular enquanto existe em cada ser” (PIAVANÍ, 2010, p. 9).

Neste contexto, Dominique Picard (1986) afirma que há uma condução equivocada da maneira de conduzir o corpo na pesquisa ao pensá-lo com esta visão reducionista, simplificando-o. A determinação social, já é considerada ao que Le Breton (2007 p. 83) denuncia como uma opressão a inovação ou imaginação dos atores “Ela nos aprisiona na reprodução de compleições físicas e parece desconhecer os aspectos contemporâneos de uma sociedade [...]”, quando a ciência passa a também adotar estes preceitos, normatizando, parecemos estar próximos de alcançar este corpo tangível, mas aqui, devemos questionar se a busca por essa materialização, é o objetivo ideal ao tratar os corpos na pesquisa.

A corporeidade, marcada pelas repetições de pesquisas que buscam materializá-lo, segundo Gilles Deleuze “parece ter nos feitos esquecer que temos corpo. Ou melhor, deu-nos momentos específicos e bem datados para lembrarmos que temos um” (DELEUZE, 2006 *apud*. MOSSI, 2015, p. 153). A inibição da presença do corpo em uma formação é censurar a peça chave de uma desconstrução e desencadeamento de todos os caminhos e possibilidade de expressão, comunicação e singularidade.

Le Breton (2007) identifica corpo como o “objeto concreto de investimento coletivo, suporte de ações e de significações”, além de considerarmos esta estrutura entre os fluxos do espaço, sociedade e tempo, observamos aqui o corpo como uma interface porosa, de territorialidades flexíveis que absorve e leva consigo marcas que lhe são únicas, momentâneas ou permanentes que o torna singular.

BECOS DISCURSIVOS

Nos espaços, assim como nos corpos são visíveis sinais do tempo e da inquietude do homem ao impregnar significados ao que lhe é concreto; marcas, que correspondem ao que Maria Manuela Lopes (2018) chama de cicatrizes e desgastes do tempo, enraizadas e moldadas em seus territórios. Nas mesas de uma escola, nas fachadas de lojas em corredores desordenados, em muros circunscritos por poluições comerciais e denominações de grupos ou banheiros públicos transformados em um

catálogo sexual, podem ser alguns exemplos ao que Ana Fani Alessandri Carlos (2015, p. 58) define ao afirmar que o mundo é produto do homem, e mesmo que alguma modificação seja causada pela natureza, hoje, até mesmo uma mudança ambiental é resultante de consequências produzidas por ele.

O espaço modificado em cada momento será concretamente formado uma diferença, os corpos que interagem neste espaço são responsáveis por ele. Segundo Magnani (2002, p. 14) na ciência “tem-se a cidade como uma entidade à parte de seus moradores”, diferente do corpo, que pede uma fragmentação, aqui, talvez tenhamos que soldar estes elementos, o autor pauta (ao exemplificar usando os encontros de cúpula e seminários de organizações internacionais) os espaços urbanos como um ambiente apático sem influências e desprovido de ações da sociedade, e quando associado a intervenções dos corpos na cena, relata uma automática associação com a arte.

A mudança dos territórios não se perpetua apenas por uma modificação artística ou projetual. Mossi (2015) afirma, ao se referir à estas mudanças, que os corpos “deslocam-se no espaço, produzem-se no espaço, criam percursos, mapas, caminhos”, documentando-nos aqui as mudanças territoriais que ocorrem naturalmente, e passam a ser percebidas de forma tangível por adaptações, necessidades ou transgressões da própria sociedade.

Valorizar a participação popular no espaço público, motiva o corpo a não se habituar apenas como sujeito andante nos fluxos da cidade, mas como agente que também é creditado por modificar o local a partir da sua existência.

Segundo Jozieli Camila Cardenal e Anselmo Pereira Lima (2018, p. 190) esta compleição de espaço, o ato direto de participação da população, representa um processo de transformação, pois, influencia na esfera social e política, considerando como a oportunidade que a população detém de deixar de lado a passividade em relação ao Estado, tornando estes corpos protagonistas.

Este protagonismo é o contexto que nos referimos neste artigo, a busca pela demarcação corpo/territorial em um período do compartilhamento imagético é muito mais visceral, não há uma luta pela limitação do espaço, ou barreiras que impeçam sua acessibilidade, mas um desdobramento de grupos e “gangues”² em uma incansável competição na busca da maior visibilidade no cenário urbano.

A necessidade da rapidez destes trânsitos culturais em um cenário competitivo resulta em uma grande hibridização e engarrafamento cultural em que corpos absorvem a multiplicidade da diversidade, e não apenas acoplam sobre si, mas atropelam estes compilados, onde visualmente enxergamos com facilidade arquivados em inscrições corporais, pichações e intervenções da arte de rua.

Na imagem abaixo (figura 1), observamos um exemplo deste atropelamento em uma intervenção por meio de inscrições verbo-icônicas marcadas no espaço:

2 Lassala (2014) cita o aumento da competitividade de gangues rivais após a política de “higienização das paredes.

Figura 1 - Os tipos gráficos da pichação: desdobramentos visuais



Fonte: Gustavo Lassala (2007)

Uma forma de diálogo com seu “adversário”, nomeações ou palavras definidas por grupos são demarcadas nestes espaços, a referida imagem (figura 1) nos apresenta a prática de uma intervenção disposta acima de outra, utilizando a gíria “oi bafão”, que segundo Lassala (2007) significa que este outro sujeito foi derrotado.

Estas transformações temporais do espaço público que, por sua vez, são incessantes, resultam nesta interação e diálogo estabelecido entre sujeitos multiculturais, assim como, exemplificado na figura mencionada, nem sempre de uma forma positiva.

Segundo Magnani (2002) “toda essa diversidade leva a pensar não na fragmentação de um multiculturalismo atomizado, mas na possibilidade de sistemas de trocas de outra escala, com parceiros até então impensáveis, permitindo arranjos, iniciativas e experiências de diferentes matizes” (MAGNANI, 2002 p. 15). A diferença e pluralidade no espaço são imagetivamente expostas, portanto, podem não ser concebidas com harmonia. Este emaranhado de informações, considerados informalmente como “poluição visual” e “depredação do espaço”, trazem-nos elementos munidos de significação imagética resultantes do uso das sátiras e metáforas verbo-icônicas, expressas por corpos inquietos em ebulição.

Ao estudar os usos das sátiras e do grotesco na cultura popular na Idade Média, Mikhail Bakhtin (1978) os define como práticas do extremo, que colocam em relação elementos contrastantes. A figura abaixo (figura 2), produzida durante o processo do projeto de conclusão de curso pelo autor, denominada *Cara de pau de madeira de lei*, exterioriza esta prática em uma experimentação por meio de intervenção urbana.

Figura 2 - Cara de pau de madeira de lei



Fonte: Vieira (2018)

A colagem se refere a uma expressão criada ainda no regime colonial português, onde a derrubada de árvores de florestas nativas só poderia ocorrer após uma autorização.

Por isso, a expressão “madeira de lei” passou a designar madeira nobre³, mas neste caso, em diferente contexto. Aqui Idealizada ao me referir ao poder do Estado sob a demarcação de terras indígenas, usei deste termo ao expressar o abuso deste poder motivado por uma infeliz colocação do locutor ao usar da fragilidade de um povo em um discurso eleitoral, assim, caracterizo-o como “cara de pau”, expressão popular ao referir à arrogância ou petulância.

Neste projeto fiz uma aproximação do contexto da demarcação de terras ao utilizar os grafismos urbanos em uma abstração junto à grafismos indígenas aplicando-as em superfícies diversas, como o lambe-lambe⁴ (figura 1) e a própria pele humana, propondo intervenções provocativas ao chamar o observador a questionar cultura, pertencimento e espaço.

³ Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/conteudo/madeira-nobre-e-madeira-comum>

⁴ *lambe-lambe* é uma técnica ligada ao grafite. Uma vertente da arte de rua que utiliza cartazes como intervenção urbana.

Figura 3 - Demarca



Fonte: Vieira (2018)

Este contraste das práticas do extremo, Bakhtin (2013, p. 22-23) destaca quando considera as imagens do grotesco “parecendo disformes, monstruosas e horrendas, se consideradas do ponto de vista da estética clássica, da estética da vida cotidiana preestabelecida e completa” em um modo de analisar este incomodo do observador ao que não lhe é previsível ou esperado nestes espaços, como ao se deparar a um grafismo indígena “pichado” em meio a cidade (Figura 2) e fazê-lo questionar outros modos de ocupações e demarcações de espaço por corpos, que mesmo tendo suportes e veículos diferentes, buscam a emancipação de processos comunicativos próprios.

Gustavo Lassala (2014) em sua tese *Em nome do pixo* também relata contrastes ao dispor este deslocamento do sujeito marginal a um campo tradicionalmente ocupado pela elite, como exemplifica ao documentar o convite à pichadores sendo convidados para exposições em museus fora do país, “há uma lacuna no campo acadêmica para tratar desse tema” (LASSALA, 2014, p. 14).

Este distanciamento desequilibrado fomentam a discussão quanto à validade desta temática.

O CORPO DEMARCADO

É um desafio falar sobre tatuagem e não haver um envolvimento direto com o corpo e o espaço. Até este momento, pudemos acompanhar o distanciamento e dificuldade de ambos os elementos pelas lacunas deixadas por corpos silenciados em uma formação social, que resultam em impactos a ciência.

Na academia as inscrições corporais são representadas, onde Marie-Anne Paveau (2010) lista sua participação nas ciências humanas, como objetos da antropologia, filosofia, arqueologia, psicanálise e da medicina, mas quanto prática de ornamentação corporal, o uso desta estrutura como suporte da arte é encarado com estranhamento mesmo sendo uma prática milenar. Nosso objetivo aqui não é abranger a tatuagem em seu sentido histórico, mas ao falarmos sobre a modificação corporal e territorialidade somos levados a tratar de suas origens.

Segundo Lise (2010), a tatuagem teve seu início entre 2000 a 4000 a.C. Tendo uma descoberta já emaranhada pelas vertentes culturais. Gilbert (2000) afirma seu surgimento simultâneo em diversas partes do mundo, sendo duas as principais fontes de estudo até hoje; o corpo de Ötzi, o “Homem de gelo”, e os corpos do povoado nômade “Pazyryk” do século 5 a.C. Sob o ponto de vista arqueológico das possíveis descobertas. Gilbert (2000) relata que marcações nos corpos destas investigações são visíveis, com forte ligação ao pertencimento a grupos e espaços.

Segundo Le Breton (2007 p. 39) estas inscrições corporais “são modos de filiação a uma comunidade flutuante, muitas vezes com uma cumplicidade que se estabelece de imediato entre aqueles que a partilham”, além de identificações pessoais e sociais, Gilbert (2000) destaca que as tatuagens também possuíam caráter espiritual, sendo os símbolos tatuados como guias após a morte daquele que os detivesse.

Estas modificações onde a inscrição corporal pertence, podem se referir a “corpografia” citada por Paveau (2010), que se referem a elementos iconográficos definitivos ou temporariamente tatuados, podendo ser associado a rituais de “subtrações corporais” marcados por incisão, escarificação, e de modificações da forma do corpo, onde muitas vezes possa ser interpretada equivocadamente, já que aqui não nos referimos à mudança apenas como mecanismo de desfiguração dos padrões de beleza, mas também à adaptação desses corpos às massas, em relação a isso Lopes (2018, p. 14) afirma que “há uma obsessão por mudar e alterar o corpo na busca de beleza ou perfeição idealizada.”

Pensar na modificação corporal e associar as práticas do extremo é algo recorrente ao refletirmos sobre a automaticidade que temos em pré-julgar alguns termos dentro da própria academia. Modificar é qualquer alteração que estes corpos podem sofrer. Onde o corpo é vendido como objeto de desejo, Le Breton (2007 p. 27), afirma que “a manipulação simbólica se amplia [...]” quando dispõe ao indivíduo a maleabilidade sob o que se pode ser, torna-se a moldagem do corpo comum. Em que Paviani (2010 p. 7) problematiza, “apesar de hoje haver todo um culto ao corpo, ele

ainda permanece oculto”, contraste que identificamos diariamente ainda mais próximos de nós ao analisarmos conteúdos de mídias sociais e áreas de comercialização.

Hoje a tatuagem tem sido uma destas grandes áreas, em que Le Breton (2007 p. 31) afirma: “o corpo tornou-se um empreendimento a ser administrado”, deixando de ser apenas uma busca exclusivamente por tendências, a tatuagem tem se tornando um grande investimento ao público, propondo como a idealização de um artefato.

Lopes (2018), por sua vez, valoriza-as ao comparar a produção com um arquivo permanente ao corpo: “as tatuagens hoje são mais que artefatos, são objetos para serem usados, controle e suportes para nossa memória. Podem contar uma história, ou ser testemunhas oculares dela”, arquivos que marcam as identidades, remodelam e adornam os corpos, simultaneamente, neste cenário da busca de perfeição, também oferecem aos indivíduos um meio de recuperação do controle e domínio sobre si.

Ainda segundo Lopes (2018), a ressignificação da tatuagem é um processo necessário, pois “devido à crescente complexidade da tatuagem, as marcas de tinta precisam ser vistas com a mesma complexidade simbólica que reflete os projetos artísticos contemporâneos”.

Segundo Le Breton (2009) “o corpo cristaliza o imaginário social, provoca as práticas e as análises que continuam a explicar sua legitimidade a provar de maneira incontestável sua realidade”.

O suporte do design, que antes poderiam ser planejados e volumétrico, passa a ser móvel, orgânico, sensível e enfermo, buscando construir valores com sua própria identidade, que por meio destas mudanças, Le Breton (2007, p. 40) incita sua prática a fim de destacá-los pela singularidade e ao mesmo tempo fazer com que se sintam pertencentes à grupos sociais ao fabricar a “estética da presença”, citada pelo mesmo.

Abaixo (figura 4) são apresentados fragmentos de Epitélio, a segunda etapa do projeto, em que constituiu na aplicação das peças gráficas a pele.

Figura 4 - Aplicação e execução da tatuagem

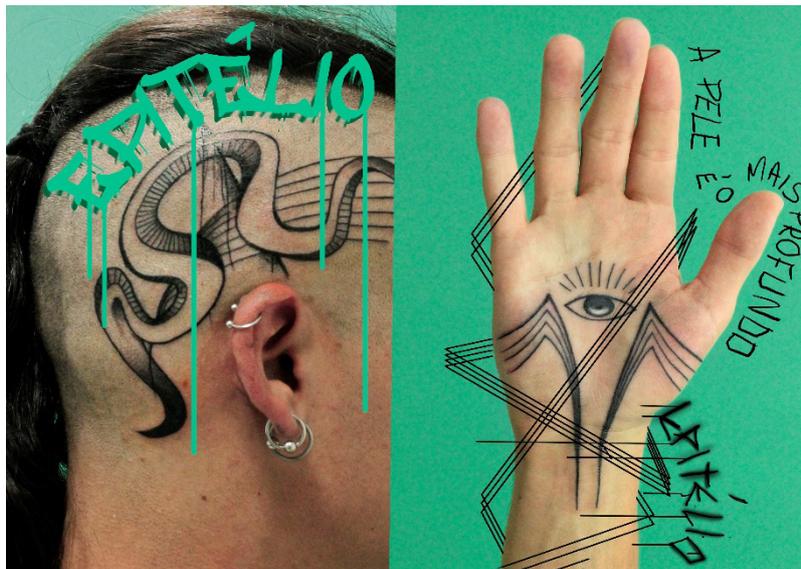


Fonte: Vieira (2018)

O processo criativo destas intervenções constituiu na ideia de exposição das inscrições indígenas em contrastes ao ambiente urbano, onde foi objetivado a abstração de grafismos tribais junto a signos que o aproximassem a intervenção de rua, conceituada por um “tribalismo urbano” ocupando, ou, sendo ainda mais imerso a esta ambientalização, demarcando espaços.

A série formada por oito peças, foi apresentada por registros fotográficos das ruas, documentação audiovisual do processo de aplicação das tatuagens em corpos já tatuados (figura 5).

Figura 5 - Peças aplicadas nas peles



Fonte: Vieira (2018)

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS DE UM PROJETO INICIAL: EPITÉLIO

Estas não são considerações finais. É ilusório buscar uma resposta para a interpretação de um fenômeno cultural construído pela sua desconstrução. Falar sobre tatuagem é falar sobre o corpo a qual ela é projetada, e nesta proposta exige-se uma reformulação de práticas de leituras clássicas e linguagens formais propondo-se novos modos de relações, por isso, a continuidade deste projeto abarca em seus objetivos tais questionamentos.

Em uma inconclusiva constante ressignificação, o corpo impossibilita uma fórmula geral ao examiná-lo, já que aqui, ele não é considerado apenas um organismo.

Lopes (2010) nesta “fuga aos clássicos” sugere que “a tatuagem escrita faz, com efeito, do corpo um suporte de discurso no qual tudo leva a crer que ele possua, como todo discurso, um produtor, um receptor, uma forma e uma interpretação.” Isso poderia ser validado?

Embasada em uma estrutura munida de significações marginais, a tatuagem pode ter sua associação contraditoriamente envolta ao tradicional, representando o pertencimento à cultura e ao espaço, e ainda assim ser subversiva, buscando a prática como uma escapatória ao destacar sua individualidade.

Epitélio (figura 6), nomeação empregada na derivação do meu projeto de conclusão de curso em design, propõe o uso da pele como a interface desta discussão, na experimentação de aproximar a linguagem urbana e a academia de um modo tangível.

Hoje, a pesquisa segue em construção ao prosseguir a temática a uma validação discursiva academicamente.

Figura 6 - Epitélio



Fonte: Vieira (2018)

A relação entre o sujeito e a linguagem é permanente, e este reconhecimento da necessidade do diálogo representa o que Bakhtin (1997) estabelece por comunicação.

A passagem das tatuagens de rituais historicamente simbólicos e artísticos a um cenário da ciência e investigação enunciativa, demanda-nos a tomar novos posicionamentos em relação ao corpo, à linguagem e à estética nas intervenções marginalizadas na sociedade da fabricação de ações, imagens e costumes.

O quão superficial é a pele?

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Trad. Yara Frateschi Vieira. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CARDENAL, Jozieli Camila; DE LIMA, Anselmo Pereira. **Dialogismo, sentido e materialidade: a luta pelo espaço público urbano.** [online] 2018 vol.24, n.1, p. 183-209. ISSN: 2179-9911. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8652517>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade.** 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

GILBERT, Steve. **Tattoo history: a source book.** New York: Juno Books, 2000.

LASSALA, Gustavo. **Em nome do pixo.** 2014. Tese doutorado em arquitetura e urbanismo. Universidade presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2014.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LE BRETON, David. **Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 2010.

LISE, MLZ, CATALDO Neto A, GAUER JGC, DIAS HZJ, Pickering VL. **Tatuagem: perfil e discurso de pessoas com inscrição de marcas no corpo.** An Bras Dermatol [online] 2010, vol.85, n.5, p.631-638. ISSN 0365-0596. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/abd/v85n5/en_v85n05a06.pdf>. Acesso em: abr. 2018.

LOPES, Maria Manuela. **Extending the Reach of Memory through Skin Expression** [online] **DAT Journal.** vol.3 n.1 2018. Disponível em <<https://datjournal.anhembri.br/dat/article/view/71>> v.3 n.1 2018. Acesso em: 20 jul. 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista brasileira de ciências sociais. [online] 2002. **Revista brasileira de Ciências Sociais.** Vol. 17 n. 49 ISSN 1806-9053. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001268679>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

MOLES, A. A. **The Legibility of the World: A Project of Graphic Design.**

MOSSI, Cristian Poletti. Teoria em ato: o que pode e o que aprende um corpo? [online] 2015. **Educação e pesquisa.** Vol.41, n.spe p.1541-1552. ISSN 1678-4634. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-9702201508142951>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MOSSI, Cristian Poletti. **Um corpo-sem-órgãos, sobre justaposições. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?** 2014. Tese (doutorado em educação) Universidade Federal de Santa Maria. 2014.

PAVEAU, Marie-Anne. **Uma Enunciação Sem Comunicação: As Tatuagens Escriturais.** [online] **Rua.** 2010. Vol. 16 n.1 p.6-41 ISSN 2179-9911. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/rua/antecedentes/pages/home/lerArtigo.rua?id=82&pagina=19>>. Acesso em: 10 jul. 2019

PIAVANÍ, Neires Maria Soldatelli. Corpo, linguagem e educação. [online] **Do corpo: Ciência e artes.** 2011. Vol. 1 n.1 p.1-9 ISSN 2238-1546. Disponível em: <www.ucs.br/etc/revistas/index.php/docorpo>. Acesso em: 16 jul. 2020.

PICARD Dominique. **Del código al deseo**: el cuerpo em la relación social. Editorial Paidos, SACIF, Buenos Aires, 1986.

VIEIRA, Marcelo D. **A Tatuagem valorizando a cultura indígena brasileira por meio do design autoral**. Universidade do oeste de Santa Catarina. 2018.

Recebido em: 02/07/2020

Aceito em: 20/08/2020